

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Dojo de Londrina Class.: Guarani
 Data 16/06/93 Pg.: 1031

Tradição

Guaranis tentam preservar cultura

Índios de Toledo lutam pela terra e resistem para não se transformar em "brancos"

Paulo Roberto Pegoraro
 Sucursal de Cascavel

A família de Marcelino Alegre e de Turíbio Augusto Ferreira dos Santos mora "nas quebradas", atrás de uma antiga pedreira na periferia da Vila de Novo Sarandi, distrito de Toledo. O grupo é composto pelas mulheres de Marcelino e de Turíbio, que têm 10 filhos. Marcelino tem 63 anos mas parece que poucas "luas" se passaram, pois suas feições são de homem bem mais jovem. Turíbio é genro de Marcelino e tem 49 anos. As famílias, talvez as últimas da nação guarani (que reinava antes da colonização dos brancos na região) não confinadas em reservas, tentam com todas as forças resistir para não incorporar a condição de "bugres" e, depois, de simples "brancos".

Donos da terra até as primeiras décadas deste século (a colonização branca na região oeste não tem mais do que 50 anos), hoje as duas famílias enfrentam situação que pouco se diferencia dos trabalhadores sem-terra. Turíbio, a mulher Terezinha, de 37 anos, e o filho Dirceu, de 18, são os que mais lutam por um pedaço de chão que lhes permita a sobrevivência e no qual possam se manter como índios, continuando, por exemplo, a produzir o artesanato que por enquanto garante a compra de alimentos básicos. No cantinho que ocupam não é possível realizar o sonho.

Turíbio e a família moram numa pequena casa de madeira beneficiada, na frente há uma palhoça e ao lado o rio Guaçu, no qual não há peixes - uma indústria de beneficiamento de man-



A família de Marcelino e Turíbio produzem artesanato e lutam pela posse da terra



As jovens aprendem com os mais velhos sobre o "mundo dos brancos"

dioca despeja resíduos a poucos quilômetros. As terras em volta são ocupadas por três famílias brancas, que já foram formalmente "convidadas" a deixar a área. As terras pertencem ao município e são disputadas entre os agricultores e os índios há anos. Foi a prefeitura que levou os índios para o local, há dois anos, depois de retirá-los de outra localidade do município. O Governo do Estado tem participado da definição de uma área para os índios.

Por conta da disputa das terras, índios e agricultores não se relacionam bem. Tanto que Turíbio não mede palavras, generalizando: "Falo claro, vou dizendo

logo: não gosto de branco. Eles discriminam a gente, estão massacrando a gente já faz 500 anos". O grupo é claramente discriminado pelos "brancos" de Novo Sarandi, basicamente descendentes de italianos e alemães que tratam os índios como "bugres". Apesar do preconceito, a família de Turíbio quer preservar as origens. A começar pelos belos traços tupi-guaranis.

"Os brancos estão destruindo tudo, até a camada de ozônio, lá no alto, eles conseguem atingir. Não sobra mato, eles derrubam tudo, para plantar até onde não dá", revolta-se Dirceu. Terezinha também e bem informada e procura transmitir conhecimentos

sobre o "mundo dos brancos" às filhas maiores. Ela é filha de Marcelino, da linha tupi-guarani, e de quando era criança lembra que havia a "dança da taquara" na aldeia localizada justamente nas imediações de onde a família agora está. Tudo fazia parte da Fazenda Britânia, um latifúndio que tomava conta de boa parte da fronteira entre o Brasil e Paraguai. É do vizinho país o grupo do qual descende Marcelino. Arregimentadas para o trabalho escravo, aos poucos as ramificações foram se destruindo.

Grupos de várias nações que sobrevivem com um mínimo de integração estão em reservas,

sob a inconsistente tutela da Funai. Isolados, os índios são presas ainda mais fáceis da "civilização" e a família de Turíbio é uma das poucas que tentam resistir. Dirceu sabe que é impossível viver perto dos "brancos" e não conviver com eles, de uma ou outra maneira. Por isso, se aproximou do Centro de Criatividade de Toledo, onde vende seu artesanato. O trabalho da família rende ao mês pouco mais de dois salários mínimos, "mas pode ser maior se tiver terra pra gente produzir alimentos". O artesanato - cestos, fruteiras, balaios - é feito de cipó tirado do que resta às margens do rio Guaçu. Às vezes, fazem arcos e flechas. A

branca Tereza Balerini, que mora com a filha nas imediações, viu os índios em algumas ocasiões com estas "armas" e, fruto da incompreensão, diz que "eles são meio perigosos, andam por aí com flecha, assustando a gente".

A Assessoria Especial para Assuntos Indígenas do Governo do Estado se propõe a ajudar as famílias indígenas, assim que a questão da terra for definida pelo município, com assistência técnica agrícola, fornecimento de sementes e insumos, programa de produção de peixes, entre outros. A proposta é de que o grupo seja auto-suficiente e não dependa da quase sempre ausente boa vontade dos "brancos".